

- DIEGO- Brrrrrr... outro avião. Abandonar os tanques. Tátátátátá...
É uma ordem.
- OFF- Sim, meu general.
- (Entra em cena Susana. Veste roupas de boa qualidade, mas -
sujas e amaranhadas. Do pescoço lhe pende uma correntinha -
com um crucifixo de ouro. Vem chutando uma pedra, chega na
extremidade oposta do cenário, onde Diego brinca. Se adian_
ta até sentar-se com as pernas cruzadas na beira do quadra_
do de areia; apóia a cabeça nas mãos e fica vendo o brinqu_
do.)
- DIEGO- Ai vejo um bastardo inimigo. A ele!... Tátátátátá... Aiiii
aiaiaiiiiiiiiiiii... estou ferido... me feriram... ai.
- (Diego começa a se arrastar em círculo e geme.)
- DIEGO- Estou sangrando... estou empapando esta terra. De cada gota
do meu sangue surgirá um soldado novo para vingar o Valente
Desconhecido. E meus olhos olharão seus olhos e sentirão -
terror de olhá-los. Oh, covardes.
- (Se contrai dificultosamente. Ameaça os céus com os punhos
e cai sem sentidos. Susana pula dentro do quadrado de areia,
monta em cima de Diego e começa a atirar-lhe areia. Ele se
defende)
- DIEGO- Não seja chata... não vê que entra nos olhos?
- (Diego se livra. Para e se sacode. Ele veste calça far west
(jean), uma camiseta malhada e tem os cabelos longos. Susa_
na pula fora do quadrado e chuta a madeira que o forma. -
Olha fixamente para o lugar que chuta.)
- SUSANA- Deixa eu brincar contigo?
- DIEGO- Tá bom... mas não cria confusão.
- (Susana volta a pular para dentro do quadrado. Começa a -
construir um castelo com uma espécie de torre cônica e muito
alta. Se escuta a voz de Alonso antes que ele apareça no ce_
nário.)
- OFF- Ei, me empresta o
(Entrando em cena)
- ALONSO- capacete. Ahh, vai... me empresta.
- (Pelo lado oposto do cenário entra Andres, marchando. Atrás
dele, correndo meio de lado, vem Alonso. Corre, passa na -
frente de Andres e pula enquanto lhe pede o capacete.)

Andres veste uma calça curta, camiseta e meias de futebol - (um time popular), tênis. Sobre as costas lhe pende uma metralhadora de plástico, também aqui e camuflado com manchas amarelas. É alto, gordo e usa cabelo bem curto. Alonso veste uma calça curta com aplicação e uma camiseta que forma um conjunto. Cabelo com franja, bem cortado e bem penteado.)

ANDRES-

Para de encher.

(Continua marchando ao redor do banco)

ALONSO-

Depois eu te empresto a bici...

ANDRES-

Não enche o saco... A minha é maior que a tua e tem campanha cromada.

ALONSO-

Ah, vai...

ANDRES-

Tu é muito pesado... bem... vai...

(Senta no banco, acomoda o capacete e a metralhadora e olha para Alonso.)

ANDRES-

Soldado, ponha-se em fila.

(Alonso corre e se perfila na frente do banco, de costas para o público.)

ALONSO-

Mas depois me empresta o capacete.

ANDRES-

Não me desacate soldado... Deitado.

(Alonso se atira no chão)

ANDRES-

De pé!

(Alonso se levanta)

ANDRES-

Deitado!

(Alonso volta a se atirar no chão)

ANDRES-

De pé!

(Alonso não se levanta)

ALONSO-

Ei, tô cansado...

ANDRES-

Não responda soldado. De pé!

(Alonso não se levanta)

ANDRES-

Bom. Então jura em nome da pátria e da bandeira azul e branca, ser um soldado fiel?

ALONSO-

Sim, eu juro.

ANDRES-

Levanta o braço, imbecil, senão não vale.

(Alonso levanta o braço)

ALONSO- Sim, eu juro. Me empresta o capacete?

ANDRES- Como tu enche o saco... meta e meta... Por acaso tu não sabe que isto se conquista no campo de batalha? Vai brincar - noutro lado.

ALONSO- Não quero, pô. E meu pai me disse que se tu me mandá embora de novo, ele vem aqui e te quebra a cara.

(Andres tira a metralhadora e a aponta para Alonso)

ANDRES- Tátátátátátá...

ALONSO- ... Meu pai disse que se me bateres, ele chama a polícia e te leva pro Juizado de Menores.

ANDRES- Diz pro teu velho, que se eu contar pro meu velho, ele vem aqui e transforma o teu em mingau. E depois junta com uma colherinha.

(Aponta para o quadrado de areia onde Diego e Susana enfeitam a torre.)

ANDRES- Olha, o Diego tá aí. Vai chamar ele.

ALONSO- Não tenho vontade.

ANDRES- És um soldado ou não? E se não te agrada, te manda.

ALONSO- Tá legal.

(Volta a perfilar-se e bate continência)

ALONSO- Missão cumprida.

(Alonso corre até a beirada do quadrado de areia, para, perfila-se.)

ALONSO- O General Andres o chama para uma missão secreta.

(Diego continua brincando, Susana também, mas olha de relance.)

ALONSO- Ei, Diego, vem brincar de soldado.

DIEGO- Não trouxeste a bicicleta?

ALONSO- Não me deixam. Vêm, vamos brincar de soldado. Andres tem um capacete novo. Um de verdade, de guerra.

(Diego pula fora do quadrado enquanto sacode as mãos e corre até o banco, atrás do qual se emboscou Andres que começa a metralhar.)

DIEGO-

Tátátátátátátátá...

(Diego e Alonso se atiram no chão e ficam inertes. Andres - sai de seu esconderijo, caminha quase de gatinhas, com muita precaução. Quando está junto dos dois caídos, se perfila e crava uma suposta baioneta em seus corpos. Tira o suor do rosto com o braço e vira os dois com a ponta do pé. Alonso e Diego facilitam o giro.)

ANDRES-

Cães amarelos.

(Em seguida dá um ponta-pé em Alonso que começa a chorar.)

ALONSO-

Filho da puta... paiaii... tomara que tu morra... paieeee, tu já vai ver.

(Se levanta, retrocede massageando a perna sem deixar de olhar para Andres que lhe aponta a metralhadora. Diego fica em pé e sacode a roupa. Susana desmanchou a torre construída e agora pula em cima. Quando a areia volta a ficar plana, ela se agacha com os joelhos no peito.)

ALONSO-

Gordo chato...

(Andres avança.)

DIEGO-

Não começa, ele é menor que tu.

(Para Andres)

ALONSO-

Eu não vai andar no carro do meu pai.

ANDRES-

Te perdôo a vida piolho... mas não venhas me pedir para brincar se não aguentas o tranco... filinho da mamãe... toma, põe o capacete. Te empresto.

(Tira o capacete e põe em Diego que o acomoda no queixo)

ALONSO-

Não vai mais pedir pra...

ANDRES-

Pouco me importa o carro do teu pai. Tem um motor que não corre nada... qualquer dia bate... vai ficar virado numa gaita... o carro que meu velho vai comprar, sim, que corre.

(Neste momento entra em cena Cláudia. É irmã de Andres. Gorda como ele, usa um vestido floreado cheio de babados. Oca-belo dividido em dois, com maria-chiquinhas com laços que lhe caem dos lados do rosto. Traz sandálias brancas, car-pins rosados - é muito limpa e enfeitada. Tem nas mãos uma bolsinha de polietileno cheia de bolachinhas e balas de distintas formas e cores. Senta-se no banco, tira uma bala e a desembulha. Mete-a na boca chupando com muita compenetração, enquanto olha os outros.)

ANDRES- Vai correr a dozentos por hora... zzzzzzzz.

(Corre)

ANDRES- Assim... e eu também vou guiar. Eu vou ser corredor. Vou ser sim. Vou correr mais rápido que Fittipaldi. O carro que meu velho me comprou é vermelho, vou correr com capacete e tudo. Dá meu capacete.

(Tenta tirar o capacete de Diego que o amarrou no cabeça e o faz perder o equilíbrio.)

DIEGO- Para, pô.

(O desamarra, Andres o põe e volta a correr pelo cenário imitando o ruído de um motor.)

ALONSO- É mentira.

(Andres para de repente)

ANDRES- É verdade.

CLAUDIA- Não é verdade.

(Segue impassível mastigando, olhando para frente enquanto bamboleia a perna.)

ANDRES- Gorda, gordona, sapo inchado. Porque não arreventas?

(Corre como um touro, a cabeça para frente. Por traz do banco, pega o pescoço de sua irmã e o sacode enquanto a puxa para o chão. Claudia grita e esperneia. Sua bolsa cai e as balas se espalham. As outras crianças riem. Primeiro Alonso, depois Diego e Susana dão um pulo quase animal, recolhem balas do chão e começam a metê-las na boca. Os outros imitam. Debaixo do banco, Claudia olha-os comer.)

CLAUDIA- Olha, tão roubando as minhas balas.

(Andres solta-a. Ambos ficam em pé e se atiram sobre os outros para tirá-lhes os doces. Claudia os junta do chão e Andres os arranca das mãos e das bocas dos que começam a comê-los. Claudia levanta a bolsinha vazia.)

CLAUDIA- (Para Andres) Tudo tua culpa... vou contar pra mamãe.

(Põe na bolsa as balas que juntou, chora e faz um gesto como que despedindo-se.)

CLAUDIA- Tu vai vê o que ela vai fazer...

(Andres a faz correr, pega no seu braço e o torce para trás)

ANDRES- Olha aqui Maria Mijona, se tu abrir a boca, é melhor não se deitar de noite porque eu juro que te arranco os olhos com um alfinete.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Faz uma cruz com os dedos sobre a boca e beija.)

ANDRES-

Por Deus!

(Cláudia recompõe o cabelo, levanta seus carpins e sacode o vestido.)

ANDRES-

Não me dá a minha parte e tudo bem. Come sozinha as que sobraram.

CLAUDIA-

Tá bom.

(Volta para o banco e tira uma bala da bolsa.)

ALONSO-

Me dá uma?

CLAUDIA-

Tá bom.

(Mexe dentro da bolsa, como escolhendo, escolhe uma e lhe dá. Andres se senta na outra ponta do banco e olha.)

CLAUDIA-

Toma.

(Ela alcança uma bala para Diego e todos mastigam, menos Andres e Susana que se levanta do chão em que estava sentada.)

SUSANA-

Para mim, não tem?

CLAUDIA-

Não.

SUSANA-

Por que?

CLAUDIA-

Porque não querem que eu ande contigo.

SUSANA-

Eu pouco me importo.

CLAUDIA-

Porque a tua mãe é uma mulher da rua.

SUSANA-

Não te mete com a minha mãe!

CLAUDIA-

E tu vai ser igual a ela.

(Susana dá um pulo em direção à Cláudia e puxa seus cabelos. Cláudia se atira sobre Susana, sacudindo-a e dando socos. Grita. Andres avança sobre Susana, sacudindo-a e dando golpes. Tenta separá-la de Cláudia que se livra e se recompõe. Andres está sentado sobre Susana e segura seus braços.)

ANDRES-

Pede perdão pra minha irmã.

CLAUDIA-

A minha mãe sabe o que diz.

(Susana morde a mão de Andres e ele dá um pulo sobre ela. Susana se livra e vai para um canto do cenário. Levanta um pedregal do chão e as acomoda para sentar-se ao lado. Andres aperta a mão mordida numa espécie de beijo.)

- ANDRES- Está raivosa. Me deixou as marcas dos dentes. Olhem, olhem.
(Mete a mão diante dos olhos de todos)
- CLAUDIA- Põe mentiolate.
- ALONSO- O que é uma mulher da rua?
(Uma pedra lhe acerta no peito, atirada por Susana.)
- ALONSO- Para... que que eu te fiz?
- ANDRES- Não vê que ele tá com raiva? Vamos ter que mandá-la ao ca-
nil. (Diego se senta no balanço e começa a se balançar.)
- CLAUDIA- Mulher da rua é uma mulher que está sempre na rua. Não faz
comida, nem nada... não prega botão, não faz nada e anda
sempre suja como ela...
(Outra pedra cai perto de Claudia que dá um grito.)
- ALONSO- Minha mãe sempre sai pra rua e é Maria quem faz tudo.
- ANDRES- Uma vez o meu velho disse pro verdureiro, quando viu a mãe
da cadela raivosa passando: essa aí é mais puta que uma ga-
linha. É prato meu há muito tempo...
(Para Claudia)
- ANDRES- Ei, ainda tem maçã na geladeira?
- CLAUDIA- Vai lá e olha...
(Andres como se fosse soqueá-la. Claudia se protege instin-
tivamente. Em seguida, se senta no outro extremo do banco.
Alonso se senta no meio. Começam a brincar com os pés, le-
vantando-os cada vez mais.)
- ANDRES- Que calor tá fazendo...
- ALONSO- Meu pai é um morto de frio... por isso vai pro quarto da Ma-
ria e fecha a porta por causa da corrente de vento... quan-
do corre vento ele sente frio.
(Os três começam a cantar uma canção popular da moda. "Eu -
sou nuvem passageira", etc... misturam a música com jingles.
Diego, às vezes participa da cantoria.)
- ALONSO- Ele sempre fecha a porta com a chave... sempre chaveia, to-
ca o telefone, a campainha e nada...
- CLAUDIA- E por que tu não atende, seu bobo?
- ALONSO- A porta do meu quarto também fica fechada a chave. Fica fe-
chada... fechada. (Voltam a cantar)

C O R R I M

ANDRES- Teu velho tá louco...

ALONSO- Eu já perguntei por que ele briga com a Maria na cama. Ele puxa os cabelos dela assim, assim, assim... Eu uma vez disse que ia contar pra minha mãe... ele me disse que se eu contasse, ele ia embora e nunca mais voltava... e agora fecha a porta a chave...

(Voltam a cantar)

ALONSO Tem frio...

ANDRES- Meu pai é peronista... eu também sou peronista.

(Cantam de novo jingles. Susana volteia sobre si mesma no chão. Pelo lado oposto do cenário entram Carolina e Sérgio fantasiados de noivos. Caminham de mãos dadas, muito tensos e morrendo de rir. Ela veste um camisolão de nylon transparente que lhe fica muito grande, na cabeça traz um chapéu cheio de plumas. Ele veste uma camisa branca com punhos duros, também muito grandes para o seu tamanho, traz uma grande gravata no pescoço, negra e amarfanhada. Andres sobe no banco e começa a cantarolar a marcha nupcial.)

ANDRES- Tan tantan; tan, tantan...

(Os outros o imitam. Susana corre até o casal e segura a cauda da noiva. Alonso se une a caravana pulando no compasso da música. Diego acompanha e cantoria e se balança cada vez mais alto. Claudia diz em voz alta para que todos ouçam.)

CLAUDIA- Criança não pode ser noivo, criança não pode casar...

ANDRES- Cala a boca, Maria Mijona.

(O cortejo contorna o banco e para na frente de Andres que adquire os gestos de um sacerdote. Susana acomoda no chão a suposta cauda e pega na mão de Alonso, os dois começam a rodopiar freneticamente.)

ANDRES- Silêncio.

(Susana e Alonso se detêm)

ANDRES- Respeito nesta casa de Deus.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Diego continua se balançando. Para Diego.)

ANDRES- Parem!

DIEGO- Não enche o saco...

(Continua se balançando)

ANDRES- Bestalhão... ajoelhados.
(Carolina e Sérgio se ajoelham. Atrás deles Alonso e Susana. Claudia continua mastigando uma bolacha e olha de relance.- Para Claudia.)

ANDRES- E tu, que que tá esperando, a carroagem?

CLAUDIA- Eu não me ajoelho.

ANDRES- Então vai embora, Maria Mijona...

CLAUDIA- Só vou quando me der vontade, e tu não é ninguém pra mandar em mim... olha que eu conto pra mãe...

ANDRES- Tu já encheu bastante... sua bolha... te parto os beiços se não te ajoelha...

CLAUDIA- As minhas meias vão sujar e depois mamãe reclama...

ANDRES- Já tô ficando cansado...
(Sujeita a irmã com um abraço e a puxa para o chão até fazê-la ajoelhar-se. Depois a solta.)

CLAUDIA- Aiiiiiiiiiiiiiii...

ANDRES- Cala a boca... não te mexe ou eu te arrebento com um pontapé. (Sobe no banco e volta a sua atitude anterior. Levanta os braços para o céu.)

ANDRES- Este templo é testemunho da união deste casal feliz. Dêem-se as mãos.
(Sérgio e Carolina se dão as mãos entre risadas nervosas.)

ANDRES- Agora são marido e mulher. E nada pode separá-los,

CLAUDIA- Que a morte os separe...

ANDRES- E nada pode separá-los. Senhor Sérgio Casan, aceita como esposa a senhorita Carolina Pinti? Vamos... responde...

SERGIO- Bem...

ALONSO- Diz: "Sim, aceito".

SERGIO- Bem, "sim, aceito".

ANDRES- Senhorita Carolina Pinti, aceita como esposo ao Senhor Sérgio Casan?

CAROLINA- Aceito.

ANDRES- Que Deus os abençoe, amém.

CLAUDIA- Não vale, não vale... faltam as alianças. Se não tem alianças não estão casados.

ANDRES- Cale a boca.

CLAUDIA- A minha mãe usa aliança.

ANDRES- Mas papai não usa... o que é que tem?

(Claudia já está de pé, mas volta a ajoelhar-se)

ANDRES- Façam o sinal da cruz e rezem em silêncio. Agradecemos a Deus o pão nosso de cada dia. Amém.

(Fazem o sinal da cruz)

ANDRES- Agora beijem-se.

(O casal se olha envergonhado)

TODOS- Beija, beija.

(Aplaudem e riem. Empurram Sérgio e Carolina até seus rostos se encontrarem. Eles se beijam. Todos ainda estão ajoelhados ou de cócoras. Diego se entusiasma e desce do balanço para entrar no brinquedo. Aos poucos os empurrões se transformam numa espécie de jogo erótico, cheio de abraços e cambalhotas. As risadas vão sumindo e se ouve novamente os pássaros no meio do silêncio. Entra em cena Julinho. É um mongólico de 20 anos. Traz vestido calças cinzas, grandes para ele. Camisa branca e gravata. Na mão, traz caixa de papelão. Sorri ao ver o jogo. Coloca a caixa em cima do banco e se atira sobre as outras crianças. No princípio, parece que não o notam. Julinho continua o brinquedo, vai se excitando e ficando cada vez mais violento, bate nos outros. A primeira que se levanta é Claudia, massageando o braço.)

Insano geral

CLAUDIA- Animal... bruto... por que não vai pro hospício? Tarado... estúpido... idiota... bruto.

(Tenta acertar um ponta-pé em Julinho. Os outros também se levantam. Alguns tem que sair à força dos braços de Julinho que finalmente fica sozinho no chão e se retorce numa masturbação solitária. As crianças ficam o banco.)

C O R T E

ANDRES- Ficou raivoso... De repente espuma pela boca...

(Julinho vai se acalmando. Tem as mãos metidas nos bolsos da calça. Finalmente se produz o orgasmo e ele abre a boca, fecha os olhos e relaxa o corpo.)

ALONSO- Está morto.

CAROLINA- É?

C O R T E

(Diego se aproxima de Julinho e o sacode. Julinho abre os olhos e sorri. Todos sorriem aliviados.)

ANDRES- Devia ir pro circo...

DIEGO- Mas que sacana e com esta cara de idiota...

(Para Julinho)

SUSANA- Tem bala?

(Julinho, sem levantar-se do chão, tira do bolso um pacote de balas e dá uma para cada um. Põe uma na boca e fecha cuidadosamente o pacote.)

JULINHO- Estas são pra depois do almoço, para a noite. Chupo na cama assim minha mãe não vê... vou escondê-las bem... bem...

(Não consegue meter a mão no bolso. Fica em pé, mete as balas no fundo do bolso, tira a mão e palpa o volume das balas.)

CAROLINA- Por que tu ficou doente no chão, Julinho?

SUSANA- Julinho não está doente.

(Andres se aproxima do banco e abre a caixa de papelão.)

JULINHO- Não mexe que é meu... é meu...

(Andres levanta a caixa e começa a correr, Julinho o persegue. Os outros riem, Julinho cansa. Andres para e larga a caixa no chão. Julinho se aproxima e quando vai pegar a caixa, Andres volta a levantá-la e Julinho cai no chão. Julinho engetinha até a beira do quadrado de areia, se senta e começa a chorar.)

CAROLINA- Está chorando...

ALONSO- Não chora, Julinho...

(Andres se aproxima e deixa a caixa no chão, ao lado de Julinho.)

ANDRES- Toma aí... Tá aqui, tu tava rindo... chorão... mariquinha... não tem vergonha?... Xarope...

(Julinho segura a caixa e começa a embalá-la como se fosse um bebê.)

JULINHO- Protejo meu filho
protejo meu sol
protejo um pedaço
do meu coração...

(Susana se põe atrás de Julinho e o acaricia lentamente na cabeça. Levanta um punhado de areia e o deixa cair devagarinho sobre sua cabeça. Age sem nenhuma agressividade.)

SUSANA- Que que tem aí dentro?

JULINHO- É meu...

SUSANA- Deixa eu ver... deixa...

(Lhe dá um beijo e mete sua cara no pescoço de Julinho.)

JULINHO- Tá legal, mas ele tá dormindo... não faz barulho que ele acorda.

(Susana se ajoelha diante da caixa, atrás dele está Andres. Depois Claudia e um pouco mais afastado Diego. Os outros foram brincar na areia. Julinho abre a caixa bem devagar e mostra o conteúdo. Mete a mão e acaricia.)

SUSANA- Um filhotinho... um filhote de pardal... onde o encontraste?

ANDRES- Um pardal, deve ter piolho.

CLAUDIA- Vai morrer de fome... não tem comida.

SUSANA- Me dá uma bolachinha... e eu faço umas migalhas molhadas para ele.

CLAUDIA- Não dou nada.

SUSANA- Me dá um pedacinho só... não vê que ele é tão pequenininho?

CLAUDIA- Não dou nada... Por que não vais pra tua casa e pede pra tua mãe?

(Susana lhe arranca a bolsinha e atira seu conteúdo em todas as direções. Claudia fica dura de terror.)

SUSANA- Toma... toma... toma... E toma...

(Uma vez esvaziada, Susana joga a bolsinha longe e volta a se agachar junto à caixa de papelão.)

SUSANA- Espera aí que eu acho uma minhoca pra ti... é melhor. (Para o passarinho)

(Julinho olha as balas espalhadas)

JULINHO- Quero uma bala... quero uma bala.

(Claudia se agacha e começa a juntá-las rapidamente. Diego se dirige ao quadrado de areia e se junta aos demais.)

DIEGO- (Chutando a areia) Gente vamos procurar minhoca pro pardal.

CAROLINA- Que pardal?

- DIEGO- O pardal de Julinho... que está escondido dentro da caixa.
(Alonso, Sérgio e Carolina saem do quadrado de areia e se aproximam da caixa para ver o passarinho. Carolina olha de longe. Julinho se levanta esquecido de tudo, e, cantarolando, leva a caixa até o banco. Larga-a com cuidado e senta ao lado. As três crianças começam a borboletear como pássaros e piam. Susana e Diego procuram minhocas. Claudia se senta no balanço e começa a comer. Andres olha a árvore e o banco e imita a caçada de um pássaro.)
- ANDRES- Aí vai ele, ali vai... pum... caiu...
(Diego traz uma minhoca num palito e Susana, um bichinho na mão fechada. Acomodam a comida dentro da caixa do pardal. Todos se aproximam para ver, menos Claudia que continua se balançando.)
- SERGIO- Não come...
DIEGO- Acho que ainda é muito pequeno. Não sabe comer sozinho.
SUSANA- Tem medo.
ANDRES- Sofre de diarreia estival e vai se arreventar como uma harpa velha.
(Julinho parece ter esquecido o passarinho e canta de vez em quando "Chorona")
- ANDRES- Ei, Julinho, julinho, acorda boboca... porque não sobes no banco e canta como um artista?
(Julinho ri envergonhado)
- ANDRES- Vamos, sobe... por acaso não cantas melhor do que Roberto Carlos?
- JULINHO- Sim.
- ANDRES- (Rindo) Não seja bobo... vamos, sobe... Julinho, Julinho.
(Julinho começa a subir no banco. Todos se sentam ao seu redor e ele canta.)
- JULINHO- Chorona...
(Sua voz é aflautada e afinada. Os outros o aplaudem. Julinho termina de cantar, faz grandes reverências, Andres o imita e também aplaude.)
- ALONSO- Canta "Nostalgia"... vamo lá... canta...
(Depois de cantar um pedaço, Andres interrompe e o empurra.)
- ANDRES- Chega, para! Ou muda de repertório de uma vez.

ANDRÉS- Parece um disco arranhado... me enche o saco...

(Julinho se assusta, mas opta por aplaudir.)

ANDRÉS- Por que não danças? Vamos, dança... dança...

(Julinho começa a contorcer-se no compasso de uma música que ressoa em sua mente. As crianças se contorcem de riso. Julinho para de dançar. Ele olha Claudiano balanço.)

JULINHO- Quero andar de balanço...

CLAUDIA- Tarado...

JULINHO- Eu quero o balanço...

ANDRÉS- Olha, aí vem a múmia...

JULINHO- Não, a múmia não...

(Andrés se levanta e começa a se aproximar de Julinho com os braços abertos e rígidos, imitando a tremedeira de uma múmia. Julinho não se mexe, cheio de terror.)

SUSANA- Pô, não seja chato.

(Empurra Andrés, que também lhe empurra. Susana sobe num banco e faz Julinho se sentar. Para Susana)

ANDRÉS- Que que tu vem te meter aonde não foi chamada? Se me der vontade, te amasso os beiços com um soco...

DIEGO- (Para distrair Andrés) Aqui chega o Mascarado Vermelho para derrotar a Múmia Invencível...

(Andrés refaz a postura de múmia e avança contra Diego.)

DIEGO- Nenhum mortal conseguiu vencer seus terríveis e venenosos tentáculos. Múmia malvada... hoje o Mascarado arrisca a vida pelo bem da humanidade.

(Os dois iniciam uma luta, cada qual cumprindo seu papel. Julinho cobre o rosto com as mãos enquanto Susana o escaricia para tranquilizá-lo, mas ela também se assusta. As outras crianças vão tranvestindo a personalidade de diferentes heróis da televisão e história em quadrinhos e se metem na luta. A brincadeira começa a cansar.)

ALONSO- Vamos brincar de Violência...

ANDRÉS- Vamos...

(Se arma uma batalha feroz. Se empurram e se atiram uns por cima dos outros. A brincadeira consiste em bater, onde e como der.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Carolina sai do grupo, enquanto Claudia continua no balanço. Quando se forma uma espécie de montículo humano, Susana pula e cai em cima. Terminam todos cansados e se atiram - exaustos no chão. Julinho aplaude.)

CLAUDIA- Vais te entender com a mamãe quando ela te ver assim...

ANDRES- Cala a boca boba... esta guria é uma pateta... sabem o que ela faz de noite na cama?

(Claudia pula do balanço e corre até o irmão.)

ANDRES- Faz xixi na cama... essa baita égua...

(Claudia se atira sobre Andres)

CLAUDIA- Mentiroso... mentiroso... isto é mentira... mentira.

(Andres tem um ataque de riso quase histérico e se revolve sem revidar os socos da irmã. Os outros vão se levantando)

ANDRES- Faz xixi e molha todo o colchão... a coroa tem que secá-lo na janela... cheira a podre... agora compraram um plástico..

(Claudia se senta no chão e chora. Em seguida levanta, recolhe a bolsa que lhe caíra e come avidamente uma bolacha. Se dirige para o balanço onde sentara Carolina, que ao vê-la - se aproximar, desce e Claudia toma o "seu" lugar. Tudo é - muito natural.)

DIEGO- Uma vez no interior na casa do meu avô, um cavalo apodreceu no meio do mato com as patas enredadas... Meu avô que contou. Parece que uma onça meio que o comeu... tinha um fedor e podre... de longe se sentia o cheiro... tinha sido um bom cavalo... era meio cinza com manchas brancas no lombo manso. Me deu raiva... comia pãezinhos de açúcar na minha mão... e tinha o focinho molhado...

ALONSO- Choraste muito?

DIEGO- Não seja burro... claro que chorei.

ANDRES- Chorou o pobrezinho...

CAROLINA- Meu cachorrinho também morreu... mas ele foi pro céu.

ANDRES- Olhem só... vejam... como é idiota... o lixeiro o levou...

CAROLINA- Mentiroso... ruim... mentiroso... foi pro céu... minha avó me disse.

ANDRES- Tua avó... olha... não dê ouvidos a tua avó. As velhas são todas loucas... inventam cada coisa...

CAROLINA- Minha avó não inventa nada... ela viu quando ele foi pro -
céu... ela viu,

ANDRES- Está bem. Para tu também agora? Tá bom... tá certo... foi -
pro céu... escuta... não ouve como ele late?
(Põe a mão ao redor da orelha para ouvir melhor.)

ANDRES- Auuuuuuuuuuuuu... guuuuuuuuuuuuuuu... uuuuuuuuuuuuu.

CAROLINA- (Olhando pro céu) Mentiroso...

ANDRES- Ah, vamos... quem entende as mulheres?

SERGIO- Meu tio João morreu e nunca mais veio na minha casa...

ANDRES- Outro... como é que ele vai vir na tua casa? Se ele morreu,
se acabou,

SERGIO- Como se acabou? Meu tio tem uma lancha no Guaíba toda azul
e tem motor, quando fizer calor ele vai me levar na lancha
e me ensinar a nadar.

SUSANA- Onde é que tá?

ANDRES- Quem?

SUSANA- O tio de Sérgio, onde é que ele tá?

ANDRES- Como é que eu vou saber? Ele tá no cemitério...

CLAUDIA- A minha mãe diz que os bons vão pro céu e os maus pro infer
no. No inferno eles são fritos numa frigideira e fincados -
num garfo. O teu tio era muito ruim?

SERGIO- Meu tio é bom. Vai me ensinar a nadar e a dirigir a lancha.
É um barco. É mentira, ele não foi embora.

CLAUDIA- Por que ele foi pra selva caçar leões. Ele foi lá e vai tra
zer um pra mim. Vai trazer um macaco também.
(Se levanta e começa a correr imitando os corcoveitos de um
cavalo)

ALONSO- A Maria me disse que quando alguém morre, vira alma penada..
ela disse que a alma vem de noite e puxa a gente pelos pés.

SUSANA- O que é alma?

ALONSO- Não sei... uma coisa ruim...

DIEGO- Alma é gente depois de morta. É igualzinha, só que é trans
parente e tem buracos nos olhos... É como um fantasma, só -
que não é branca.

SUSANA- Por que?

DIEGO- ... Talvez para andarem tranquilas pelos campos... quando as corujas cantam, nas noites sem lua, elas ficam por aí dando voltas e voltas... meu avô disse que é tudo bobagem - isto da terra estar cheia de mortos... ele ficou brabo quando eu falei... bateu o pé no chão, levantou um monte de pó e calou a boca... eu me caguei... meu avô disse que é igno- rância ter medo dos mortos... é com os vivos que temos que ter cuidados.

SUSANA- Como é que tu sabes que as almas andam por aí dando voltas e voltas?

DIEGO- A gente escuta elas quando o vento sopra...

SUSANA- Por que?

DIEGO- Não sei... será pra brincar um pouco... quem sabe estão chateadas.

(Andres ri com exagero, cômico, dramático e misterioso. Pouco depois, os outros aderem com risadas sinistras e exageradas. Se levatam e caminham como supõem que as almas fariam, em câmara lenta. Julinho caminha entre eles e ri, Susana, ensimesmada, fica sentada no banco. Andres começa a caminhar de quatro e latir. Todos o imitam. Andres imita um leão, rugindo e pateando. Os outros o imitam. Imitam vários animais. Susana entra no brinquedo que se transforma num atropelar-se mutuamente. A brincadeira é interrompida com os gritos de Cláudia que se levanta limpando a roupa.)

CLAUDIA- Mal educados... brutos... estúpidos... bestas... tarados... Vou contar tudo pra minha mãe.

(Molha o dedo na língua e começa a tirar a sujeira dos braços e das pernas. Sergio se levanta do chão, vai até a caixa de papelão e olha seu interior.)

SERGIO- O pardal comeu a minhoca. Não tem mais minhoca...

(Todos, menos Julinho que continua se rodopiando e aplaudindo e Cláudia que continua se limpando, se aproximam do banco e olha dentro da caixa.)

SERGIO- Dá pra mim Julinho? Julinho... vem cá...

(Julinho se aproxima do grupo)

SERGIO- Dá o pardal pra mim, julinho...

JULINHO- Não, é meu.

(Segura a caixa e se senta com ela no banco)

ANDRES- Olha que a múmia vem aí...

DIEGO- Deixa ele em paz.

ALONSO- Maria diz que a alma penada virá me buscar se eu não lhe obedecer.

CORTE

ANDRES- Tá bom... então não fode a paciência... ela te buscou alguma vez?

ALONSO- Não... de noite, me tapo com a colcha e ponho a cabeça de baixo do travesseiro. A Maria é má.

CLAUDIA- Vamos brincar de estátua?

ANDRES- Não seja boba... já te falei que é brinquedo de maricas e tarados. (Imita gestos femininos)

CLAUDIA- Por que a gente vai brincar sempre o que tu quer?

ANDRES- Porque eu sou capitão, por isso. Eu mando. Quer uma prova? (Aponta a metralhadora e todos levantam os braços. Andres dirige a Alonso)

ANDRES- Soldado, revista de armas!

ALONSO- O que?

ANDRES- O que pode ser, imbecil? Reviste-os para ver se não tem um revólver escondido. Como na TV. Ei, vamos!

(Alonso mete as mãos nos bolsos de Diego)

ANDRES- Assim não... tarado... olha e aprende com o papai aqui... (Deixa a metralhadora no chão e revista, com rapidez e destreza, todo grupo. Alonso volta a levantar os braços e também é revistado. Julinho também está com os braços levantados. Claudia vai para o balanço.)

ANDRES- Não encontramos nada... devem tê-lo escondido em algum lugar... estes hippies são todos iguais. Sujos e mentirosos. Vejamos tu, onde a esconderam? (Empurra Sergio com a ponta da metralhadora, Sergio contra a barriga e retrocede.)

SERGIO- Pô, pô... dói...

ANDRES- Covardes... o que querem? que eu faça cosquinhas? Fala, onde esconderam? (Volta a empurrá-lo com a metralhadora. Sergio se afasta correndo e para para olhar. Diego baixa os braços.)

DIEGO- Pô... estamos brincando, não fica te provalecendo, ainda mais que ele é o menor.

(Os outros começam a baixar os braços.)

ANDRES-

Ele é cabeludo...

SUSANA-

Que que tu tem que ver com isso?

ANDRES-

Olha... é melhor ficar calada ou te expulso desta praça.

SUSANA-

A mim ninguém expulsa.

ANDRES-

Te expulso se me der vontade...

SUSANA-

A praça é de todos...

ANDRES-

Menos para os vagabundos...

SUSANA-

Eu não sou vagabunda.

ANDRES-

E o que é, então? Parece uma lata de lixo...

SUSANA-

Lata de lixo é a tua avó... imbecil.

(Se atira sobre Andres, ambos rolam no chão. Ela arranha e morde. Andres levanta num pulo.)

ANDRES-

Bruxa degenerada... filha da puta. **CORTE:** faço te levar em casa.

(Susana vai se arrestando para trás, enquanto observa os movimentos de Andres. Julinho baixa os braços, se aproxima de Andres e sacode os punhos na frente da sua cara. Susana volta para seu lugar anterior, onde há algumas pedras amontoadas. Junta às amontoadas.)

ANDRES-

(Para Julinho) E tu, que bicho te mordeu?

JULINHO-

Meu... mau... mau... tu é ruim. Não gosto de ti.

ANDRES-

E eu com isto? Vai pro hospício, vai... vai, antes que eu chame um enfermeiro pra te meter uma camisa-de-força... ele vai te dar querosene pra beber, depois te incendiará... hahahaha... tarado... dez vezes tarado... olha que a múmia vem aí...

(Imita a múmia e persegue Julinho que foge, chorando e apavorado.)

JULINHO-

Mãe... mãe... mamãe... mãezinha.

(Andres o persegue e Diego o segura.)

DIEGO-

Deixa ele em paz... Não vê que ele tá louco da cabeça?

ALONSO-

Ele tem medo... não vê que ele tem medo?

(Para Alonso)

ANDRES-

E tu mosquito? Que que tu tem que te meter? Quem te deu vela neste enterro? Mete o dedo no cu... porcaria.

CORTE

(Julinho se senta dentro do quadrado de areia, os outros se reúnem ao redor do banco.)

CLAUDIA- Mamãe me disse pr'eu não brincar mais com ela.

ANDRES- Cala a boca...

CLAUDIA- Quem mal anda, mal termina.

ANDRES- Quer que eu mude a tua cara de lugar?

(Andres começa a fazer exercícios militares. Alonso e Sérgio o imitam. Diego se senta no banco e brinca com o pardal. Carolina caminha como um manequim, segurando o camisolão na mão.)

ALONSO- (Para Andres) Me empresta o capacete?

(Não recebe resposta)

ALONSO- Só um pouquinho... me empresta...

SERGIO- Meu tio vai me dar um igual.

(Os três continuam brincando. O exercício de Andres é sério e comprometido, sem nenhuma participação dos outros. Alonso, em seguida Sérgio, abandonam a ginástica, somente Andres continua como se fosse um autômato.)

CAROLINA- Vamos brincar de estátua?

(Claudia faz como se não ouvisse, olhando pro céu com muita ostentação. Carolina vai até Sérgio que se sentou no banco.

CAROLINA- Vamos brincar de estátua... não seja ruim...

SERGIO- Tá legal...

(Se levanta do banco. Para Alonso)

SERGIO- Ei, vamos brincar de estátua?

ALONSO- Tá bom... eu sou o primeiro. Diego, vem brincar também... ah, vem...

DIEGO- Tá...

CLAUDIA- (Saindo do balanço) Eu compro.

CAROLINA- Eu falei primeiro.

CLAUDIA- Eu compro. Se não te agrada, não brinca.

CAROLINA- Tá bom, mas eu falei primeiro.

CLAUDIA- Façam fila.

(Ela entra na fila. Alonso fica em pé sobre o banco, Diego fica a seu lado. Depois Sérgio e Carolina. Andres que já começara a se desinteressar pelos exercícios, para imediatamente e entra na fila, empurra Sergio e se põe atrás de Diego. Claudia se esconde atrás da árvore e volta trazendo sua bolsinha como se fosse a carteira de uma senhora, caminha distraída. Alonso aplaude.)

ALONSO- Senhoras e senhores...

ANDRES- (Para Alonso) Que que tu pensa que tá fazendo?

ALONSO- Eu começo...

ANDRES- Onde é que tu tirou esta? Desce daí, depressa...

ALONSO- Tu disse que não queria brincar...

ANDRES- Desce ou te derrubo com um tiro...

(Aponta a metralhadora para Alonso. Ele desce e entra na fila. Primeiro no fim, depois pega o lugar de Andres que sobe no banco. Julinho para de brincar na areia e observa.)

ANDRES- (Bate palmas) Senhoras e senhores.

(Tira a metralhadora e a deixa sobre a caixa)

ANDRES- Aqui estamos reunidos para este extraordinário e fantástico leilão de estátuas. As estátuas mais famosas do mundo... únicas... formosas... perfeitas... a que tiver o menor defeito será destruída... este é o juramento de Fadul, o mago do Oriente.

(Claudia se aproxima comportando-se como se supõe que uma dama faça)

CLAUDIA- Senhor mago, eu sou uma dama distinta e venho das terras distantes para comprar estátuas famosas. Mas não vejo nenhuma...

ANDRES- Oh, amável senhora... por que não dais uma voltinha por aqui enquanto as tiro das caixas?

CLAUDIA- Como preferir.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Passeia pelo cenário simulando que leva uma sombrinha.)

ANDRES- (levantando os braços) Que os deuses magos me protejam... Schazzannmmmm...

(Desce do banco, pega o braço de Diego e dá um puxão. Diego gira com o impulso e para na postura de um maestro ou algo parecido. Fica imóvel. Sérgio fica de quatro patas e estic

o pescoço, Carolina fica com uma mão na cintura e a outra é levantada como um modelo posando. Alonso fica num pé só, braços abertos, fazendo grandes esforços para não perder o equilíbrio. Andres esconde o rosto nas mãos, se inclina profundamente, e se levanta retirando as mãos do rosto.

ANDRES- Obrigado, oh, poderoso.

(Claudia se aproxima)

CLAUDIA- Vejo que já haveis desempacotado...

ANDRES- Sim, amável senhora...

CLAUDIA- Posso dar uma olhadinha?

ANDRES- Será um prazer, querida senhora...

(Ambos caminham entre as estátuas, arroteiam uma delas. Claudia apalpa o tecido do camisolão de Carolina e faz um gesto depreciativo. Alonso cai e volta a posar. Claudia se detém diante de Diego, depois de olhá-lo por todos os lados o assinala.)

CLAUDIA- Fico com esta.

ANDRES- (Se inclina) Muito bem, minha querida senhora...

CLAUDIA- Quanto custa?

ANDRES- Mil cruzeiros.

CLAUDIA- Tanto? Não é um pouco cara?

ANDRES- Trata-se de um exemplar único, distinta senhora...

CLAUDIA- Não pode me fazer um descontinho?

ANDRES- Por sabê-la cliente da casa, lhe deixo por quinhentos... que que se vai fazer...

(Claudia abre a bolsinha, tira um suposto dinheiro e o entrega a Andres, que o guarda no bolso depois de contá-lo.)

CLAUDIA- Quando a entrega?

ANDRES- Antes do anoitecer.

CLAUDIA- Está bem... até logo...

ANDRES- Que passe uma boa tarde, querida senhora...

(Julinho se aproxima do grupo e começa a compor uma estátua. Claudia se afasta. Andres bate palmas e as figuras se mexem)

ANDRES- Schazzaaamm...

ALONSO- Tu não vai contar isso.

ANDRES- Eu conto o que me der na telha.

ALONSO- Eu não quero matar o pardal.

ANDRES- Faz o que tu quiser, mas depois não vem chorar...

ALONSO- (chora) Não quero...

ANDRES- Olha que te prendem... e a alma penada vem te buscar...
(Imita o avanço da alma sobre Alonso. Todos ficam na expectativa, Julinho continua ajoelhado como um beato e faz o sinal da cruz, Susana atira uma pedra. Andres levanta a metralhadora de cima da caixa.)

ANDRES- Tu vem aqui... aperta ele e se acabou... fica tranquilo... não seja fresco, vem... é melhor pra ti...
(Alonso se aproxima da caixa. Todos se excitam. Alonso mete a mão dentro da caixa - Susana começa a atirar pedras. Todos se esquivam instintivamente, mas não se importam com ela. Todos ficam quietos por um momento. Alonso tira a mão de dentro da caixa.)

ALONSO- Matei.

(Ri. Todos riem. Todos ficam histéricos. Julinho ri, levanta e aplaude.)

ANDRES- Viu como tu é machão? Julinho... vem cá, vem que eu quero te mostrar uma coisa... anda, vem.
(Julinho se aproxima, Andres mantém a caixa aberta, Julinho olha lá dentro, se agacha para ver melhor, mete o dedo e toca. Volta a meter o dedo, tira a mão e põe o dedo na boca, chupa, tem um acesso de riso, olha ao redor em seguida - grita.)

JULINHO- Mãeeee, mãeeee...

ANDRES- (Imitando Julinho) Mãeeee...
(Julinho sai correndo de cena. Os outros se aproximam da caixa. Andres ri e continua gritando "mãe". Susana também se aproxima. Carolina olha dentro de caixa.)

CAROLINS- Ainda mexe a patinha...

ANDRES- Deixa eu ver...
(Empurra os outros e olha dentro da caixa.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ANDRES→ (Para Alonso) Está vivo... se tu bancou o marica...

SERGIO→ Tá se mexendo de novo... olha tem sangue no bico,

ANDRES→ Uuuuuuuuuuuuu... abram alas... abram alas... aí vem a ambulância.
 (Corre imitando o som de uma sirene e dirigindo um guidom imaginário atropela os outros.)

CLAUDIA→ Eu sou a enfermeira.

CAROLINA→ E eu, o que sou?

ANDRES→ Com licença... com licença... aqui está o médico...
 (Levanta a caixa com uma mão e tira o parda com a outra. Olha com muito interesse.)

ANDRES→ Parece que foi um acidente de estrada; teremos que operar.
 (Larga o parda dentro da caixa e a coloca em cima do banco. Susana está em pé ao lado, olhando dentro da caixa.)

ANDRES→ Enfermeira, prepare a sala de operações.
 (Susana alcança a caixa)

CLAUDIA→ Manda este aí embora, a enfermeira sou eu.
 (Tenta tirar a caixa de Susana)

SUSANA→ Larga.

CLAUDIA→ Larga tu.

SUSANA→ Solta ou eu te parto a cara.
 (Cláudia solta a caixa. Todos ficam em silêncio, Susana coloca a caixa no chão e fica olhando.)

SUSANA→ Putá que pariu. **C O R T E**
 (Levanta um pé e enfia dentro da caixa. Tira, olha a caixa e se senta no banco. Os outros se aproximam para olhar lá dentro.)

ANDRES→ Assassina.

SERGIO→ Está morto.

ALONSO→ Ela matou.

CAROLINA→ Por que tu pisou em cima dele desse jeito? Mã...
 CLAUDIA→ Porque ela é invejosa. Por isso! Porque ninguém quer brincar com ela, por isso.

ALONSO- E alma dele, onde é que tá?

ANDRES- A alma vem de noite... Vem de noite e não vai deixar ela -
dormir.

(Andres imita o vôo e o piar de um pássaro sinistro, corre
ao redor do banco com os braços estendidos. Se aproxima cada
vez mais de Susana. Ao fazê-lo, se inclina até ela como se
fosse pegá-la com a mão. Ela não reage, parece não estar -
olhando pra nada. Quando ele finalmente bate, ela salta so-
bre ele. Claudia prende seu pescoço pelas costas e os dois
irmãos a imobilizam. Susana opta por ficar quieta. Andres -
pega-a pela correntinha do pescoço e a arrasta.)

DIEGO- Deixa ela em paz.

ANDRES- Aí vem a bruxa. Ela está condenada a morrer no fogo da fo-
gueira.

(Levam-na até a caixa)

ANDRES- Ajoelha e contempla a tua maldade.

(Susana resiste em ajoelhar-se. A correntinha arrebenta e -
fica nas mãos de Andres que olha alarmado. Claudia solta Su-
sana, esta volta a se sentar no banco.)

CLAUDIA- Tu que arrebentou, é de ouro...

ANDRES- Gorda infeme... a culpa é tua que tava segurando ela.

CLAUDIA- Eu segurei porque tu mandou.

ANDRES- Isto é mentira.

(Dá um supapo na irmã)

CLAUDIA- Depois tu vai te ver com a mamãe.

ANDRES- E eu com isso... porca podre... toma.

(Atira a correntinha na saia de Susana. A corrente cai no
chão. Susana não se move.)

ANDRES- (Para Alonso) Pega.

(Alonso se abaixa)

SUSANA- Deixa ela aí.

(Alonso se afasta. Susana pula do banco e pisoteia a corren-
tinha.)

DIEGO- (empurrando-a) Eí, é Deus...

SUSANA- E eu com isso?

ALONSO- Não amas a Deus?

SUSANA- Não.

ALONSO- Não ama Deus...

(As crianças se olham estranhando, aterrorizadas.)

CLAUDIA- Tu é louca? Como não vais amar a Deus?

ANDRES- Porque é uma bruxa assassina, por isso...

(Susana se dirige ao quadrado de areia onde se senta e abraça os joelhos. Andres vai até a parede do fundo e escreve em letras garrafais, com um pedaço de ladrilho que encontra no chão; SUSANA NÃO AMA DEUS. Volta para o banco. Alonso levanta a correntinha com o crucifixo e a coloca sobre o banco.)

ALONSO- Tá aqui.

ANDRES- Aqui tá a correntinha, se a perderes, foda-se.

(Carolina está de cócoras diante da caixa)

CAROLINA- Uma formiga está caminhando em cima do pardalzinho, uma formiga grande.

ALONSO- Deixa eu ver.

(Se agacha ao lado de Carolina)

ALONSO- Tem duas formigas.

(Diego faz a volta no cenário, para um instante, passa pelo quadrado de areia e se senta no balanço.)

CLAUDIA- Quando enterrarem a minha avó, eu pus um vestido rosado que tem a barra rendada.

ANDRES- Ei, vamos enterrar o pardal. Que idéia genial... que maravilha.

(Levanta a caixa e a coloca em cima do banco. Para Sérgio)

ANDRES- Tira a camisa e me dá.

SERGIO- Não.

ANDRES- Não seja fresco... é só pra brincar, depois te devolvo de novo.

(Sergio tira a camisa e a alcança a Andres)

ANDRES- Agora a gravata.

(Alcança a gravata. Andres cobre a caixa com a camisa e lança a gravata sobre ela. Sérgio fica com uma camiseta que traz a inscrição LOVE.)

C O R T E

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ANDRES- Eu sou o dono do funeral.
(Claudia se aproxima do banco e bate palmas.)

ANDRES- Entre.
(Claudia se aproxima com a cabeça baixa e as mãos dadas.)

CLAUDIA- Meus pêsames.

ANDRES- Que que se vai fazer... Deus dá e Deus tira.

CLAUDIA- É assim mesmo... É assim mesmo...

ANDRES- Por favor, sente-se senhora...

CLAUDIA- (Sentando-se no chão) Muita gentileza da sua parte, senhor...

ANDRES- Tomaria um cafezinho?

CLAUDIA- Depois, se não for incômodo, por favor...
(Alonso bate palmas)

ANDRES- Entre, por favor...

ALONSO- Boa tarde, senhor.
(Cala-se, não sabe o que dizer)

ANDRES- Ei, vamos...

ALONSO- Venho de visita pelo morto, senhor.

ANDRES- Ah, bem... entre e sente-se por favor.
(Alonso se senta ao lado de Claudia)

CLAUDIA- Que grande lástima... uma pessoa tão jovem... na flor da idade. (Andres se ajoelha e apóia a cabeça na caixa, soluçando.)

ALONSO- Sim.

CLAUDIA- Se foi como um passarinho... não somos nada.

ANDRES- E vocês, tão comendo moscas?
(Carolina e Sergio se aproximam)

CAROLINA- Oi...

ANDRES- Entrem todos e sentem com os outros. O cortejo já vai sair.
(Carolina e Sérgio se sentam juntos de Claudia que começa um choro desconsolado. Todos a imitam. Andres comanda o cortejo com um gesto pesaroso.)

ANDRES- Bem, vamos lá. Partimos para a última moradia de Deus.
(As crianças se levantam, Claudia ajuda Carolina e todos arrodiam o banco.)

ANDRES- Agora vamos dar o último adeus. Venham passando.
(Andres se levanta a camisa por um dos extremos e todos, um por um, passam, se agacham um pouco como que para beijar e fazem o sinal da cruz. Claudia beija longamente a caixa e chora.)

ANDRES- Bem, chegou a triste hora de partir.
(Levanta a caixa coberta, põe sobre os ombros e vai contornando o banco, depois a árvore e se dirige ao quadrado de areia. Os outros o seguem cabisbaixos, com as mãos unidas e cantam. Diego se balança cada vez com mais força. Chegam ao quadrado de areia. Susana está sentada bem no meio e não se move. Começa a cobrir seu pé com areia.)

ANDRES- (para Susana) Ei, sai daí...
(Ela não se move)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ANDRES- Te manda.
(Susana não se move, e continua botando areia sobre a perna. Andres deixa a caixa no chão, os outros param de cantar. Andres pega Susana por baixo de seus braços e a arrasta para um canto do quadrado. Susana se deixa arrastar como um peso morto e depois prossegue cobrindo seu pé de areia. A parte anterior do quadrado fica livre. Andres volta para perto da caixa, coloca-a sobre seus ombros e entra no quadrado de areia. Os outros ficam em pé, fora do quadrado.)

ANDRES- Ei, cantem...
(As crianças recomeçam a cantar. Andres também canta, coloca a caixa sobre a areia e começa a cavar um buraco com a mão.)

ANDRES- (para os outros) Ei, ajudem, ou vocês não tem mãos?
(Alonso se agacha e também começa a cavar. Andres está de costas para Susana e à medida que vai cavando, aumenta sua fúria e força, de modo que a areia começa a cair sobre Susana que segue cobrindo a perna. A agressão de Andres não obtém resposta. Isto o enfurece ainda mais e o faz parar de repente.)

ANDRES- (Para Alonso que continua cavando) Chega. Vai pra junto do cortajo.
(Alonso obedece. Andres pega a caixa e a coloca dentro do buraco, parte dela se sobressai.)

ANDRES-

Tapem-na, tapem-na.

(As pernas de Susana se movem cada vez menos. Diego pula do balanço, mas não se aproxima muito.)

DIEGO-

Ei...

(Dá mais um passo. Põe as mãos nos bolsos, dá meia volta e sai correndo da praça. Susana está coberta de areia e não se move. As crianças param de jogar areia e saem do quadrado. Andres está sentado sobre um montinho de areia).

CAROLINA-

Tô com fome... minha mãe tá me chamando...

(Andres se levanta, o montinho de areia não se mexe)

ANDRES-

Pronto!

(Andres sacode a areia e olha como Carolina e Sérgio saem correndo, simulando uma urgência qualquer. Andres sai do quadrado, enfia a metralhadora no ombro e começa a se afastar. Alonso, que olhava consternado, sai correndo. Claudia procura sua bolsinha e sai atrás do irmão. O cenário fica vazio. Aumenta o som de canto dos pássaros até tornar-se alto e desagradável. Aumenta a intensidade da luz. O cenário fica assim até o público abandonar totalmente a sala.)

- F I M -

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025